

Academia Portuguesa

LITERATURA, INFORMAÇÃO E DEFESA DA ACADEMIA
Propriedade da «Academia Portuguesa» (Constituenda)

COLABORADORES



AGOSTINHO FORTES—Director da Faculdade de Letras
SERRAS PEREIRA—Professor do Liceu de Pedro Nunes
HORACIO BENTO GOUVEIA—Professor do Liceu de Alcobaça
ANTONIO MARIA LOPES—Professor e publicista



JOÃO DA SILVA CORREIA—Professor da Faculdade de Letras
JARDIM DE MONTE-SÃO—
SANTOS PEREIRA—Professor do Liceu de Viseu
JOAQUIM S. JOCABETTY ROSA—Prof. da Escola Ferreira Borges



Bachareis e Licenciados em Direito

II

II—A questão mais grave do problema é que, aos alunos que não conseguem obter o coeficiente mínimo de doze valores, se lhes nega o ingresso em cargos públicos e o exercício de profissões escritas a quem tem apenas três annos de estudos.

Que esse não devesse complementar seja um ano fértil em cultura jurídica, intenso em desenvolvimento intelectual, pode ser que seja, não o negamos. Mas que, como diz o relatório que precede a Lei orgânica da Faculdade, ele favoreça «a formação de uma «élite» de profissionais que pela sua maior cultura e aptidões deverão ser preferidos para o exercício de certos cargos e que para algumas funções de maior responsabilidade e que maior competência exigem serão até os únicos candidatos» é que nos parece não ser certo.

1.º Desde o momento que, como mostramos na primeira parte deste artigo, não podemos fazer asserção de capacidades entre alunos com informação superior ou inferior a doze valores, não podemos também distinguir entre bachareis com classificações mais baixas ou mais elevadas. Dá-se até o facto de magistrados e advogados, não digo já os mais brilhantes, mas os mais seguros, terem passado os seus exames com o mínimo de média.

2.º Ainda que fosse possível distinguir entre «os alunos tendo capacidade para adquirir apenas uma cultura jurídica geral» e os que «a revelem para o estudo do direito em profundidade» o sistema actual seria injusto por excessiva diversidade de habilitações de bachareis e licenciados em direito. O Relatório, que precede o já citado decreto, diz que aos primeiros «não se nega todavia a possibilidade de colocação, porque se lhes faculta:

- 1) o ingresso em certos cargos públicos e
- 2) o exercício de determinadas profissões para que são necessários conhecimentos jurídicos.

Faculta-se-lhes o ingresso em certos cargos públicos mas é-lhes vedado:

- a) o exercício de funções de magistrado judicial e do Ministério Público nos tribunais comuns e a magistratura nos tribunais fiscais e administrativos;
- b) os cargos de director geral, chefe de repartição ou outros de igual categoria no Ministério da Justiça e no Ministério do Interior;
- c) o lugar de consultor jurídico de serviços públicos, e
- d) de secretário geral dos governos civis.

Faculta-se-lhes o exercício de determinadas profissões, para que são necessários conhecimentos jurídicos, mas proíbe-se-lhes o

exercício da advocacia, em qualquer tribunal.

Concede-se, pois, aos bachareis o exercício de certas funções como a de solicitadores, independentemente de concurso, mas negam-se-lhes as duas principais a que habilitava o curso de direito: a magistratura e advocacia. Mas se nos lembrarmos que nos termos do art. 17 do referido decreto sempre que concorram ao mesmo cargo público doutores, licenciados e bachareis em Direito terão em igualdade de circunstâncias, os primeiros preferência sobre os restantes e os segundos sobre os últimos», veremos como é bem precária a situação dos bachareis em direito. E tam precária, que, como disse um ilustre Professor da Faculdade de Direito de Lisboa «ser aprovado com 10 ou 11 valores é pior que não ser bacharel em direito».

Uma única solução se apresenta de momento: *abrir o curso complementar mesmo áqueles que não obtiveram a informação final de doze valores.*

III—Mas observa o tam já citado Relatório: «Se a média dos alunos do curso complementar fosse inferior a estas exigências, ou o ensino excederia o nível mental dos ouvintes e a cada momento seria dificultado pela incapacidade dos alunos que o não poderiam seguir, ou teria de descer até esse nível e perderiam os mais capazes, duplicando-se inutilmente o ensino do curso geral, sem vantagens para ninguém».

Há, porém, a notar que um aluno que, apesar da sua pequena média conseguiu, com dificuldades, fazer o seu curso geral, com mais facilidade poderá acompanhar o curso complementar. Não tem este uma natureza tam transcendente que não possa ser compreendido por alunos medianamente inteligentes, (e quem consegue um bacharelato evidentemente o é), nem impõe sacrifícios que uma vontade bem formada não possa vencer. Os argumentos já atraz expostos applicam-se aqui.

O curso complementar, sem nada perder da sua intensidade cultural, não pode nunca exceder o nível intelectual de ouvintes que já são bachareis em direito. Não nos ocupamos hoje das vantagens ou inconvenientes do desdobramento do curso geral, reservamos esse assunto para o próximo numero, mas nunca essas vantagens, se as há, seriam diminuídas ou apoucadas com a não exigência da informação final de doze valores como condição de ingresso no curso complementar.

Concluindo, não podemos dizer que o regime actual é injusto porque alunos da nova reforma e alunos da reforma antiga em igualdade de estudos e de sacrifícios ficam

O USO DA GAPA E BATINA

Sr. Director do «Academia Portuguesa»:

Embora um pouco extemporaneamente talvez, permit-me que venha apresentar a minha opinião e algumas considerações acerca do uso da capa e batina.

Sairia fóra dos âmbitos dos meus princípios se pretendesse negar o direito à capa e batina a todo e qualquer estudante (visto constituir a indumentária do estudante e não estudante x ou y) seja de que curso for—alicial, universitário, técnico, oficial ou particular.

Essa simbólica farda—se assim lhe posso chamar—que tão económica se torna, teve o seu berço na nobre e gloriosa Lusa Ateneu. Da Universidade para os liceus, começando pelo de Santarém, estendendo-se a outros, de tal modo que, hoje, não ha liceu algum do país onde não se encontre a capa e batina.

Mais tarde generalizou-se o seu uso por outras escolas de caracter secundário quer officiais, quer particulares.

O argumento que tenho ouvido a alguns colegas—, que os alunos de ensino particular e outras escolas, mesmo officiais não devem usar capa e batina só porque ha escolas officiais onde ela se não usa, e descaído, porquanto, em Coimbra, cidade académica por excelência, mac da capa e batina, existem colégios particulares onde é permitida.

Se, nesta cidade, onde a academia existe de facto, não foi coibido o seu uso, porque tentar proibi-la noutras partes que ficam muito abaixo de Coimbra?!

Acho, portanto, que a capa e batina ficará bem a todo e qualquer estudante. Mas com uma condição—a de cada estudante trazer o distintivo da escola respectiva.

Seria até interessantissimo que o seu uso fosse regulamentado

A capa e batina tão simpaticamente olhada em algumas partes, é, porém, motivo de escárneo e até ódio para uma boa parte da população alfacinha. E porquê? Justamente porque á sombra da capa «meninos» rouco escrupulosos praticam as maiores infâmias. Daí o descrédito a que chegou, em Lisboa, a capa e batina. Nas Faculdades quasi que desapareceu, talvez porque certos pedantes, vejam o seu pudor abalado por lhes chamarem «mulas de enterro»...

O que é necessário é castigar esses pseudo estudantes de capa e batina que para aí abundam e que certos pretendentes a graciosos se «futuriquem» quando quiserem fazer das suas. E que cada estudante se lembre de que é estudante.

Creia-me sr. director de V etc.

João Marques de Matos.

Récita de Despedida

Os quintanistas do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras da Universidade Técnica de Lisboa, realizam no próximo dia 22, no Teatro Ginásio, pel. s 21 horas e meia a récita intitulada *Triste Sina*.

Como ainda não sabemos quem são os auctores, apenas publicamos hoje alguns nomes bem conhecidos na academia de Lisboa, Drs. Carvalho da Silva, Ramos Taborda e Bocácio. Além destes tomam parte: Batista da Silva, Duarte de Carvalho, Junqueira, Musteira, Engrácio, Lizardo, Fazenda e Mário Bento.

com diversidade de habilitações, mas porque a reforma de 1922 revela-se indiscutivelmente, neste ponto muito superior à reforma de 1928.

Direcção de:
Jorge Antunes e
Telmo Figueiras

Gente Nova

Redactores:
Azinhal Abelho, Penaforte
Costa, J. Maria Atayde
e Pimentel Barata.

Secção cultural, artística, desportiva e cinematográfica

Negrume intelectual

Nêste país onde tôda a gente escreve, tôdos comentam, há uma tendencia acentuada para o emprêgo, quantas vêzes inexacto, da mais variada e obscura fraseologia aliada a uma ideologia ficticia. irreal, de difficil compreensão para grêgos e troianos.

Peor que os sistemas filosóficos mais arvesados e metafisicos, peor que a discussão sôbre a essencia primeira das coisas, é esta fluência verbal, com os seus malabarismos e dansas mefistofélicas, própria dos fahlados e pobres de inspiração.

Nada mais fácil e atraente que a expressão escrita nêste ambiente em que vegetamos.

Onde haja tinta, aparos, papel e uma cabeça, seja ôca, seja maciça, há sem dúvida uma obra literária, que ateste o bom ou máu emprêgo dêstes objectos materiais, e porventura espirituais.

Tôdos escrevem, mas poucos o sabem fazer com aquela purêza de estilo e de linguagem que caracteriza uma mentalidade formada.

O jogar com palavras, com ideas não é privilégio comum. Não basta atirar com elas ao vento, é necessário deduzir do seu contexto alguma coisa de lógico, de razoável, que marque novas directrizes, ou oriente algumas já explanadas.

Crêm no advento da politica do espirito, de que tanto por aí se trata, os que não possuem espirito nenhum, ignorando que sem uma bagagem cerebral, abundante de ideas, não poderão sêr os atingidos, os vencidos tornados em vencedores.

Dêsde que António Ferro, o jornalista cosmopolita, ventilou êste assunto, os verdadeiros artistas, que têm em grande conta o nosso património artistico, concordarem e muito bem com o seu ponto de vista.

¿ Porque se não há-de renovar o ambiente espiritual da mêsmã maneira que o material?

Mas já me parece entrevêr através do prisma ante o qual me fixei um movimento de péssimos escrevinhadôres debruçando-se sôbre velhos in-fólios, onde a verdadeira ciência jaz empoeirada, na ansia de lhes arrancar das entranhas alguma coisa de palpitante, que faça estarrecêr as multidões ignorantes da procedencia da mercadoria que lhes apresentam.

Ausencia de criticismo moderno, e emprêgo de normas arcaicas são apanágio desta coôrte enfadonha.

Isto quanto aos literatos, mas o mêsmo se pôde dizer em relação ás outras manifestações artisticas.

A um espirito receptor e sintético deve coexistir um efectôr e analítico.

O exhibicionismo balôfo já passou de moda, e como tôdas as coisas necessita sêr transformado numa ardente preocupação de bem servir a pátria e a humanidade inteira.

Sem a cooperação leal de iniciadôres e iniciados as tentativas de ressurgimento intelectual resultarão vãs.

O que é preciso é evitar que os homens bocais ensombrem as mentalidades subteis usufruindo as benesses que legitimamente só a estas pertencem.

Joaquim Candido da Fonsêca.

Mosaico a côres

Carnaval

Mais uns dias contados na folha do mês que está correndo, e eis toda a gente no paganismo ridiculo de incensar o deus Carnaval.

E' a loucura vertiginosa dumas horas de folia, de vida despreocupada, de momentos cheios de prazer.

Já começam chovendo as cartas e os bilhetes amaveis nos mais desencontrados sentidos.

A multidão gosta das horas irreais que a ajudam a trepar a um mundo diferente daquele em que vive. Então gosa sofregamente nesta quadra do ano.

Uma conquistadora

Lupe Velez continua sendo uma ciganita que faz andar a cabeça doida a muitos companheiros de Hollywood.

Primeiro cogitou lá na cabeça que havia de apanhar o Gary Cooper. Depois amou-se, fêz beicinho e deixou-o.

Em seguida tanto insistiu que venceu o Lawrence Tibbett; raptou o Clark Gable á esposa querida; viveu de amôres com os contrabandistas de alcool e no fim deixou todos.

Ora adeus, assim não vale!

Alguns

Meio mundo intruja outro meio. Agora descobriu-se uma serie de falsos médicos que davam consultas sérias.

Enquanto uma mulher defende os trapaceiros de que um dêles salvou o marido, um coxo aparece a proclamar a sua desgraça devido a um erro do intrujão.

Não vai mal a brincadeira!...

Pobres de quem tem a desgraça de cair nas mãos dum pateta destes.....

Assaltos

Preparam-se inumeros "assaltos", para ategosar o Carnaval. Nós, á nossa parte, sabemos de muitos. Não os anunciamos por causa das duvidas.....

Estes "assaltos", ao contrário dos outros são inofensivos. Não procuram molestar ninguém, muito pelo contrário alegrar toda a gente.

FRANCEZ

Dá lições

Em cursos de 2 alunos

35\$00 por mez—Resposta

Rua Actor Taborda, 27-2-E

0 31 de Janeiro no Pôrto

Mais uma vez se comemorou no Porto, com fé e com entusiasmo verdadeiramente patriótico, a gloriosa data de 31 de Janeiro.

O povo portuense mais uma vez prestou a sua humilde, mas sincera homenagem aos heróicos precursores da Liberdade e da República, manifestando a sua gratidão para com aquêlê punhado de homens que, um dia, sedentos de liberdade, tombaram no glorioso campo da luta, pugnando por um ideal nobre e sublime que inlavava de luz as suas almas audaciosas e fortes.

Sublime exemplo de abnegação e de heroicidade!

Mesmo vencidos os revoltosos do 31 de Janeiro de 1891 nem por isso deixam de ser para nós, jovens de hoje e homens de amanhã, os pioneiros da Liberdade e da República que tanto amamos—da nossa querida República pela qual tantos estudantes e homens insígnis d'ram a vida lutando, não só com a palavra calorosa e convicente, mas também pegando nas armas redentoras que sabiam manejar tam bem como a palavra.

Para nós, académicos, o dia 31 de Janeiro tem e sempre há de ter o alto significado das grandes datas históricas.

E a prova disso é que, um grande número de colegas nossos compenetrados do seu amor para com a Pátria e dos seus deveres de cidadãos para com a República, incorporaram-se no cortejo dos liberais desta nobre e lial cidade e fôram depôr junto do monumento comemorativo de tam grande data, erigido no Cemitério do Prado do Repouso, as flores da sua reconhecida gratidão para com os mártires e precursores da República. A' imponencia do cortejo pode juntar-se a palavra dos oradores que foram unânimes em fazer justiça aos gloriosos heróis. Dentre os oradores citaremos dois que, por serem académicos e representarem a academia republicana do Porto e Coimbra, merecem que vinculemos nas colunas deste jornal as suas fortes e desempoeiradas palavras.

Dos dois estudantes o primeiro a falar foi o nosso ilustre colega do I. S. C. Varela Seixas, representante da academia republicana do Porto que, com palavras fogosas e arrebataadoras, principiou por dizer que a mocidade não podia ficar alheia perante aquêla manifestação de saúde, e pede que seja lembrada a figura do ilustre republicano Manuel Maria Coelho que, mesmo distante desta cidade, teria naquêlê momento tam solene o mesmo pensamento que a todos ali animava e reunia. Continuando, disse que a mocidade estruturalmente republicana, amanhã como hoje, será sempre a mesma; que faziam 42 anos que a bandeira do Centro Democrático Federal 15 de Novembro tremulou na Camara Municipal perante os olhos extasiados dos que repousavam naquêlê Monumento tam significativo.

Foi um sonho; mas, como não podia deixar de ser, a realidade veio inevitavelmente.

A seguir usou da palavra o académico Horacio Cunha representante da academia republicana de Coimbra.

Dirige-se aos rapazes de capa e batina para lhes dizer que traz, da alma da academia republicana de Coimbra, o sentir dos que estudam, dos que trabalham e que irmãmente se associam áquella grandiosa manifestação cívica prestada á memória dos que souberam morrer pelo seu ideal.

Os estudantes republicanos jámais esquecerão a gloriosa data de 31 de Janeiro.

Ambos os oradores foram muito ovacionados. Os estudantes do Porto que ali se encontravam levantaram vivas á academia republicana de Coimbra e, entre vivas á Pátria, á Republica e á Liberdade, terminou, sem o menor incidente, a cívica e patriótica manifestação.

Maximiano Pombo Cirne.

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

Especialização no ensino moderno de línguas

INGLÊS, ALEMÃO E FRANCÊS

Avenida da Liberdade, 224, 1.º Dt.

LISBOA

“TEEM A PALAVRA AS

RAPARIGAS”

Direção de: LUCILA MARIA

De quem é a culpa?...

A todo o momento, em todas as conversas se critica a rapariga moderna, o seu modo de ser de pensar, as suas maneiras e liberdades excessivas. Critica-se o facto, mas não se tenta sequer procurar a causa.

Tentemos nós procurá-la, e logo veremos que a verdadeira culpa não é delas, das raparigas modernas; mas sim dos rapazes daquêles que as acompanham, que com elas conversam, que com elas dançam, aqueles, emfim, que na convivência, quasi constante de cada dia, conseguem, da maior parte das suas amigas, a assimilação quasi completa do seu modo de ser, e, pior ainda, do seu modo de pensar, nos tempos que vão correndo mais ou menos depravados, e que elas, fracas e muitas vezes ligeiras de cabeça, julgam ser a verdade e a razão—o homem como criatura superior e mais forte é, por assim dizer, o principal orientador da mulher, mas ai! se esse orientador é incompetente, ai, dos pobres sêres fracos que por êle se guiam!... E' nestas tristes condições que estão as raparigas portuguesas, para com os rapazes portugueses.

¿Como exigir ainda, que sejam diferentes aquelas, que, como acima disse, convivem dia a dia, com rapazes que por si não têm delicadesa de sentimentos suficiente, para se reprimirem frente a frente das suas amigas, usando da linguagem e compostura devida, isto é, respeitando-as?

—Em Portugal não existe, como em tantos outros países, o respeito pela mulher.

Aprendam os rapazes portugueses a respeitar como merecem, as suas compatriotas, dêm-lhes um grande exemplo intelectual e principalmente moral, e em breve vereis a modificação sofrida por todas essas meninas de que vós próprios troçais, e que serão as vossas futuras companheiras na vida.

Alguns pensarão, talvez, que a necessária modificação se dará depois, mas não será então tarde demais para tal?

Que o nome da Pátria seja evocado, que todos se lembrem em que mãos ficará, desta maneira, entregue a educação do caracter dos futuros filhos de Portugal, e se corrija de pronto o êrro desde há muito em acção.

Cândida Cabral.

Desilusão

(A' minha irmã Rosa)

Eu vivo triste, imensamente triste
Sem ter na vida esperança aurifulgente
Vivo no mundo à parte e sou demente
Por não saber mentir como mentiste

Eu soffro sem saber em que consiste,
Bem que dure p'ra sempre eternamente.
E trago a alma triste e muí doente
Por ti, amor, que tão cédo partiste

Vivo chorando o amor que foi desfeito,
E quando rio é riso contrafeito.
Desvaneceu-se o sonho a pouco e pouco...

Minh'alma insatisfeita desfalece.
O meu rosto de dor até parece,
O rosto desgraçado dum pobre louco.

Évora, Janeiro 1933.

Wanda.

Versos em Prosa

Versos em prosa é o titulo que a distinta escritora que se oculta sob as modestas iniciais de B. de F. V. pôs a esta nova modalidade das suas produções.

Somos nós que temos a honra de publicar pela primeira vez esta expressão originalíssima do pensamento; não é prosa, não é verso, é uma balada que encanta, é um canto que embala, é qualquer coisa de muito tenue de muito subtil dum sabor exquisito e estranho.

Versos em prosa é um titulo adequado, pois são a expressão do mais acentuado lirismo, natural, humano, desprendido do artificialismo, da metrificacão.

Versos em prosa é bem uma oração do século XX, século de harmonias estranhas de ritmos bem diferentes do que até aqui era costume chamar ritmo, e na verdade êles teem o seu ritmo, muito diferente dos outros, originalissimo, mas nem por isso menos encantador.

Só

Lá em baixo, o lago dórme socegado, e é nele, que de noite se reuniram, a lua e as estrelas.

—Tenho o horror da alegria—da vida—do Sol—

Só me encanta o inverno com os seus dias chuvosos e tristes—Só eles têm o condão de embalar esta mágoa que vive dentro da minh'alma, e que Só ele perfuma e engrandece! Quero sofrer...

—Assim, estou mais perto d'Ele—

B. de F. V.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço não pude sair neste número a já anunciada secção cinematográfica, bem como alguns artigos que ficam aguardando ocasião. As nossas gentis leitoras e colaboradoras apresentamos as nossas desculpas.

O meu sorriso

Primeiro que te diga o meu segredo
—Dizias tu, naquela tarde feia—
Segredo que te ateria, que te enleia
E que antes de o ouvires já tens medo;

Primeiro sim, que a confissão te faça
Do que trago fechado em coração,
Preciso que os teus lábios—a visão
Que me persegue sempre e que me enlaça

Dando-me beijos, beijos de paixão—
Deixem de rir assim, com a expressão
Cortante que te torna má e feia!...

Coisas tão lindas... céu... o paraíso...
Encerra o meu segredo; mas, preciso
Que deixes teu sorriso de ironia...

Jaquellina.

Propagai e defendei a

Academia Portuguesa

Perdoai-lhes!...

Todos conhecem, sem dúvida, a multidão de “elegantes” que às 5 horas costuma deslizar indiferente nos passeios do Cuidado, envolta no seu orgulho insatisfeito de coquetismo, na sua petulância de pessoas modernas e chics que se dedicam apenas à satisfação dos prazeres da vida mundana.

São, em geral, rapazes e mulheres ainda novos, que na ignorância completa do dever, se lançam, numa alegria louca, na vida enganadora dos clubs e dos cafés, que no meio dos seus fulgores os afasta do verdadeiro viver, fazendo com que nasça nas suas almas depravadas o vício que com o tempo com prazer, mas que os torna odiosos e ridiculos aos olhos daqueles que concentrados, no verdadeiro papel da vida, passam indiferentes à inutilidade dos seus gestos.

Inúteis—me habituei a chamar a essas mulheres, que, muito bem cuidadas, apenas teem em vista a exhibição das suas toilettes e passam o seu tempo discutindo num café, ao mesmo tempo que gozam as delicias dum cigarro perfumado, êste ou aquele escândalo da sua sociedade, o maior ou menor êxito de determinado film que o S. Luis ou o Tivoli apresenta.

Porque é esta a vida dessas mulheres chics, desabituaadas de pensar e para quem a verdadeira mulher é como que um objecto mesquinho que a sua superioridade despreza e lança no tédio das coisas esquecidas e sem utilidade, esquecem-se de que a mulher intellectual, a que sendo-o não olvida o seu papel verdadeiramente feminino, é a que mais vale, para lhe infligirem insultos, como o de que é uma mulher descida do seu “alto lugar” à baixesa do trabalho.

O luxo e a ociosidade são o seu culto predilecto.

E' com desgosto profundo que eu vejo perpassar êsses pedaços humanos (para lhes não chamar farrapos), portadores do microbio da destruição e da miséria dum povo, que, por vezes, se deixa seduzir e arrastar pelo vício, que, occulto pela face hipócrita dos que o cultivam, vai ceifando e vai colhendo aqui e além mais um peregrino, mais um submisso à sua vontade infame.

E são essas pessoas as que ousam censurar “aquela mulher” porque vai desempenhar uma missão alta, digna da admiração de todos os que amam o seu país e se interessam pelo seu ingresso no número das nações civilizadas; porque vai espalhar carinho e esperança ao enfermo que agoniza, ou vai espalhar ciência, conhecimentos novos, àqueles que a esperam na ância devoradora do saber. E da mesma maneira, não é sem desdém que apontam “aquela rapariga” que entra na vida, e trabalha, e se esforça por vencer todas as vicissitudes que ella lhe oferece, lutando sempre por um ideal supremo—ser útil à sua pátria.

Josefina Cardoso Chagas.

Pensamentos

Nunca poderá ser feliz aquele que tem contas em débito com a sua consciencia.

Lucila Maria.

Redacção e Administração:

Av. Almirante Reis, 121

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:
ABEL DOS SANTOS

Redactor Principal—José Francisco Viegas

Comp. e Imp. na «Tipografia Aguedense»
Rua da Venda Nova—AGUEDA**ACADEMIA PORTUGUESA**

FILIADO NO SINDICATO DA IMPRENSA PORTUGUESA

N.º avulso, \$50—5 núm., 2\$50—12 núm., 6\$00—25 núm., 12\$00—52 núm., 25\$00

Falta de Escolas**O ENSINO ELEMENTAR DE COMERCIO**

nos bairros Ocidentais de Lisboa

Há factos que, quando analisados superficialmente, nos deixam a impressão de serem provocados por alguém, com injustificada má fé, ou unicamente com o intuito de prejudicar o semelhante.

Podemos incluir nestes, o facto de não existir uma única escola elementar de comércio nos bairros ocidentais de Lisboa, apesar de, segundo nos consta, haver edificio de facil apropriação e em local bastante recomendavel.

Não queremos nós afirmar que o facto apontado seja obra da má vontade do governo, não! mas que pensamento poderá formular o estudante sacrificado quotidianamente ao transporte para longe do ciclo da sua habitação, sujeito ás intempéries do tempo e a um MONOPOLIO de TRANSPORTES que no campo das conseqüências não cede um ponto, e lhe desfalca as depauperadas finanças, mantidas já muito a custo pela familia?

Contudo; há outros factos e de maior monta, que a' estam a necessidade dum estabelecimento de ensino elementar de comércio nos referidos bairros, vejamos:

Seria justo que o estudante depois de percorrer a longa área do Dáfundo ao Poço Novo, encontrá-se aqui, uma escola digna dum «país civilizado», mas não!, depois de tão grande caminhada encontra para se alojar um edificio, (sem menosprezo para os verdadeiros edificios), onde motivado pela grande área que serve, se aglomeram centenas de rapazes em instalações deficientes e há muito dadas por impróprias, por peritos superiormente designados para o estudo das edificações escolares.

A' noite o mal redobra, pois, apesar de não existir nenhuma escola comercial nos bairros citados, ou sejam, os que se estendem além de Alcantara, encontram-se no Poço Novo duas, distando-as apenas alguns metros.

Recapitulando: não pretendemos afirmar que a lacuna registada seja obra da má vontade daquêles que teem occupado o ministério da instrução, mas é apenas, o resultado lógico do esquecimento a que muitas vezes são votados os direitos daquêles que pretendem estudar, para poderem sêr de futuro úteis á Sociedade, e como remuneração justa do seu esforço adquirirem os meios pecuniários para a sua manutenção.

Consta-nos que o Ex.^{mo} Sr. Director da Escola Commercial de Rodrigues Sampaio, Dr. Tavares Moreira, se encontra interessado na abertura da escola do Calvário, o que sobremaneira nos alegra, por vermos o professorado acompanhando as aspirações académicas, e nos deixa a esperança de, num futuro próximo, o curso commercial têr ali o seu estabelecimento de ensino, a par do curso industrial e liceal, satisfazendo assim as justas aspirações dos académicos ocidentais.

E. Ribeiro Junior.

NOTA: O edificio de facil apropriação, é aquê-
le onde esteve instalada a antiga escola Normal,
na Rua 1.º de Maio ao Calvário.

Ao Senado Universitário

Na passada segunda-feira 6 do mês corrente procedeu-se na Faculdade de Letras à eleição do delegado da mesma Faculdade ao Senado Universitário.

Foi eleito o nosso colega Victor Santos, estudante republicano, por uma esmagadora maioria, a quem a assistência tributou uma prolongada salva de palmas.

Congratulamo-nos pela eleição de Victor Santos, tanto mais que sabemos de perto, sêr esse nosso colega um rapaz inteligente e valoroso.

A Victor Marques dos Santos os nossos sinceros parabens.

FRANCES**Pronto a falar em sete semanas**inglês, latim, curso geral dos liceus,
cada 35\$00, trad. Fréchou

R. da Rosa, 177, 4.-E.—LISBOA

DESPORTO ESCOLAR**Torneio de Ping-Pong**

No espaço que a «Academia Portuguesa» tem posto á minha disposição, tenho focado o marasmo do desporto escolar e a necessidade de o organizar e desenvolver.

A' parte o campeonato de foot-ball que se está disputando e dos de atletismo e basket, que estão anunciados, de mais nada se fala.

A «Academia Portuguesa» vai lançar-se agora no capitulo pratico da sua acção, organizando competições desportivas.

A Associação de Ping-Pong de Lisboa deve organizar o campeonato de equipas inter escolas. O nosso jornal, vendo quão interessante seria a realização de um torneio individual entre estudantes, abalança-se á realização duma prova desse género, que será devidamente autorizada pela entidade official e constituirá o Campeonato Individual Escolar.

A prova será reservada a estabelecimentos de ensino officiaes e será dotada com a taça «Academia Portuguesa» e medalhas em número proporcional ao dos concorrentes inscritos.

A inscrição é de 5\$00 e deverá ser feita dentro de 10 dias a contar da data da saída deste número do nosso jornal.

Duma forma geral seguir-se-ão os regulamentos de provas da A. P. P. L., mas as bases definitivas do regulamento desta prova serão comunicadas em reunião especialmente convocada para esse fim.

Estamos certos de que a nossa prova será muito concorrida e esperamos ver surgir novos valores ao lado dos já consagrados: Alvaro Ramos, João de Oliveira, Mário de Oliveira, Norion Brandão, Simões Ferreira, Salema, Mirabeau, Debonnai e, Rosa Serête, Durão, Pires Carmo, C. Viegas e outros sobremaneira conhecidos.

E' provável que a forma de disputa adotada será a realizada nos campeonatos do mundo celebrados em princípios do mês corrente em Baden.

As inscrições que deverão vir acompanhadas de 5\$00 devem ser enviadas a Calheiros Viegas, R. da Escola do Exercito, 30—Lisboa N

“A Neve,”

Erguera-me mais cedo. Olhei pela janela,
E n' em todo o solo excepcional brancura.
Fiquei extasiado olhando para ela,
Para a neve, mais branca que a alma mais pura.

Olhando para fora divisei na rua
Três crianças jogando forte á pelotada;
Brincavam com a neve que é branca e nua,
Como é branca e é nua, sua alma imaculada.

Se algum quadro lindo nos dá a natureza,
Nem o outono agreste e a primavera doce,
Da neve invernal, suplantam a beleza.

Deus, quando o mundo fez lembrou-se com certeza,
Que a alva neve traria a nós um quer que fosse,
Vivendo, morta já, sua ancestral pureza.

Bragança, 19-1-33.

O. Cordeiro.

A filosofia é o microscópio do pensamento.

V. Hugo.

De Coimbra

CRÓNICA

Começo por meter o bedelho onde não sou chamado: o «Uso da capa e batina», tema batido e rebatido, espécie de «prato do dia» da academia braguesa. A super-abundante verbosidade dos estudantes de Braga, no capitulo «capa e batina», chegou a Coimbra, atravez de «Academia Portuguesa» e um pouco deturpada.

«O Ponney», semanário crítico-académico da Luza-Atenas, referindo-se ao inquérito aberto sobre este assunto, filosofou e publicou o seguinte, para cuja transcrição peço vénia:

«O nosso colega «Academia Portuguesa» quiere que os meninos da escola também usem capa e batina.

Muito bem, colega!

Mas isso cá por Coimbra não pega...

Por meu lado, li «O Ponney», ri bastante com a piada e achei a excelente! Por isso a transcrevi.

E' que, senhores lá de Braga, a capa e batina, sem mascotes bordadas e sem fitinhas na lapela, é e sempre foi o traje dos estudantes da Universidade de Coimbra. Da Universidade de Coimbra, ouviram bem? Por uma pequena extensão de direitos, usam-na também os alunos dos Liceus de Coimbra: mas, esse uso, está regulamentado e auctorizado pelo «Palito Métrico» (código dos estudantes de Coimbra) Tudo o mais; estudantes das Universidades de Lisboa e Porto e Liceus de todo o Paiz, usam-na ilegalmente!... Mas, já que isto acontece para estudantes de Universidades e até de Liceus não coimbrões, porque motivo não podem usar «capa e batina» todos os portugueses—generalização máxima—que andam com livros debaixo do braço e dizem que estudam? A meu ver, os direitos destes últimos são iguais aos dos primeiros, fora de Coimbra, já se vê, porque cá é «outra loiça»!... Nada... que o «Consilium Veteranorum» às vezes é bruto!... «O Ponney» teve razão em chuchar com o momentoso assunto dos «bichos» de Braga.

«Ridendo, mores castigat» e... ponto final no assunto em que me imiscui sem ser chamado.

* * *

Por aqui, vai-se vivendo amenamente. Nem frio, nem calor, antes pelo contrario...

O «Sport Lisboa e Benfica» é que ia apanhando um calor, domingo passado, no campo de St.^a Cruz. Um desafio de «Foot-ball» que redundou em tourada e que foi suspenso a pouco mais de meio.

Valeu bem, apesar de tudo, as sete corôas do bilhete!

E, já que se falou em Braga e em «Foot-ball», resta dizer que o grupo da Associação Académica lá vai amanhã jogar um desafio. Belíssima ocasião para os alunos do Liceu saberem a opinião dos estudantes de Coimbra sobre o «Uso da capa e batina»!...

Coimbra, 4-II-33.

José de Assis Pacheco.

20:00

Este é o preço por que V.

Ex.^a tem UMA CANETA

com aparo de ouro 14 ku.

Havaneza de S. Domingos

15, Rua Barros Queiroz, 17

Concertam se e vendem-se soltas todas as peças. Aparos, borrachas, tintas especiaes, etc. etc.

SENHORA

Ensina a lingua franceza, por preços módicos

R. Barão de Sabrosa, 176-1-E.